

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais
no Ensino Básico (Ererebá)

Jaqueline dos Santos Rocha

“VOCÊ VAI EMBORA QUE ESSA CASA NÃO É SUA”: A
ESCREVIVÊNCIA NOS SAMBAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Rio de Janeiro
2019



Jaqueline dos Santos Rocha

“VOCÊ VAI EMBORA QUE ESSA CASA NÃO É SUA”: A ESCREVIVÊNCIA
NOS SAMBAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador (a) Professor (a) Dra Sílvia Barros da Silva Freire

Rio de Janeiro

2019

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R672 Jaqueline dos Santos Rocha
“Você vai embora que essa casa não é sua”: a escrivência nos
sambas de Carolina Maria de Jesus / Jaqueline dos Santos Rocha. - Rio
de Janeiro, 2020.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações
Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II,
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Silvia Barros da Silva Freire.

I. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Samba (Música). 3.
Literatura – Estudo e ensino. I Freire, Silvia Barros da Silva. II. Colégio
Pedro II. III Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Jaqueline dos Santos Rocha

“VOCÊ VAI EMBORA QUE ESSA CASA NÃO É SUA”: A ESCRIVIVÊNCIA NOS
SAMBAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá).

Aprovado em: ____/____/____.

Silvia Barros da Silva Freire
Vanessa Ribeiro Teixeira
Maxima de Oliveira Gonçalves

Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico
Orientadora: Professora Doutora Silvia Barros da Silva Freire
COLÉGIO PEDRO II

Professora Doutora em Letras Vanessa Ribeiro Teixeira

UFRJ

Professora Doutora em Letras Maxima de Oliveira Gonçalves

COLÉGIO PEDRO II

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha professora e orientadora Sílvia Barros, que foi um grande encontro neste curso do EREREBÁ 2018. Uma professora que já me acompanha desde a Escola Estadual Raul Vidal em Niterói. Agradeço aos professores do EREREBÁ que nos trouxeram saberes que dificilmente encontraremos em outros espaços acadêmicos. Aos meus companheiros e companheiras de turma. As minhas amigas de quarto, que tanto me deram força para conclusão desse trabalho. Agradeço a música por estar em minha vida desde sempre, em especial ao samba e as mulheres do samba Moça Prosa pela confiança no meu trabalho. É uma felicidade poder dialogar com a minha experiência musical com a academia.

RESUMO

ROCHA, Jaqueline dos Santos Rocha. **“Você vai embora que essa casa não é tua”**: A **escrevivência nos sambas de Carolina Maria de Jesus**. 2019. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico ((Ererebá)) - Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho está ligado diretamente à educação das relações étnico-raciais. A partir dessa ótica, por meio de diálogos entre literatura e música de autoria negra, busco promover o reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história das mulheres negras brasileiras por tantos anos invisibilizadas pela supremacia patriarcal machista. Para tanto, procuro identificar nas letras dos sambas de Carolina Maria de Jesus questões identitárias e sociais como o racismo, práticas discriminatórias, condições de marginalização e desigualdades sociais e questões de gênero. Analiso os textos também a partir do conceito de escrevivência criado pela autora Conceição Evaristo, valorizando, por meio da interpretação das letras dos sambas, as diversas vertentes artísticas de Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Samba. Relações étnico-raciais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	p.09
1.1 Da infância de Carolina: Suas dificuldades até a fase adulta, na favela do Canindé	p.12
1.2 Quem foi Carolina Maria de Jesus?	p. 13
1.3 A vida após o encontro de Audálio Dantas.....	p. 15
1.4 Sobre o tempo que Carolina morou na casa de Santana dos altos gastos e das reclamações com seus filhos	p. 17
2 A DOR DE SE VIVER ONDE SE VIVE UMA ESCRITORA NEGRA A MARGEM DA SOCIEDADE.....	p.20
2.1 O lugar de fala de uma mulher preta.....	p. 24
3 ANALISANDO OS SAMBAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS	p. 30
3.1 O samba: Ra, re, ri, ro, rua	p. 31
3.2 O samba: O pobre e o rico	p.33
3.3 O samba: Moamba	p. 36
3.4 O samba: A vedete da favela	p. 38
4. Considerações finais.....	p. 41
5. Referências bibliográficas	p.43
ANEXOS.....	p.47

1 INTRODUÇÃO

Se a literatura pode ser entendida como um espaço privilegiado de representação do mundo e das relações humanas no qual autores (as) apresentam seu olhar sobre diversos aspectos da vida, cabe pensarmos acerca da ocupação desse espaço por mulheres.

Há uma evidente assimetria de prestígio entre os trabalhos literários das mulheres em relação aos homens. Se realizarmos um recorte entrecruzado de gênero e raça, perceberemos uma espécie de não-lugar, uma vez que, historicamente, o lugar “determinado” às mulheres não é o da literatura, da intelectualidade e da escrita. Tal assimetria de prestígios é constituída historicamente e contribui para pensamentos racistas, auxiliando também para a produção de um inconsciente coletivo que coloca a representação da mulher, sobretudo, negra, como um objeto destinado a servir.

A presente monografia visa abordar os processos discursivos na poética da escritora Carolina Maria de Jesus, investigando as letras dos sambas de sua autoria as representações identitárias baseado nas “*escrevivências*” da sua vida, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo. A pesquisa pretende, portanto, analisar como a autora imprime a escrita de si, através do álbum, *Quarto de Despejo (1961) - Álbum completo*¹, entendido como um gênero discursivo legítimo, que não é desligado do aspecto político e social, sendo uma possível ferramenta de luta e denúncia contra as formas de opressão da sociedade.

A motivação deste objeto de pesquisa dá-se a partir das minhas afetações e trajetórias no campo da arte, incluindo os entrecruzamentos estabelecidos com a minha formação no campo da educação. O tema: “Você vai embora que essa casa não é tua”: A escrevivência nos sambas de Carolina Maria de Jesus; dialogam com minha experiência de vida na música.

Costumo dizer que a música é alimento da minha alma, ouço música desde a infância. Meu pai foi músico e, nas linhas do destino, segui a mesma trajetória. Tornei-me cantora, meu primeiro troféu foi conquistado no festival da Escola Municipal Rubem Berta, bairro da Vila Aliança, Bangu. Eu tinha 12 anos e foi naquele dia que percebi de verdade a minha motivação pela música. Desde então, meu pai sempre me auxiliou em minha busca, compartilhando comigo seus ensinamentos. Acontece que sou filha de pai

¹ Álbum completo dos sambas de Carolina de Jesus disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>

sambista e de mãe dona de casa, lavadeira, e nesse sentido tenho muitas semelhanças com Carolina de Jesus. Em 2012, meu pai ficou doente e veio a falecer. Como filha mais velha, fiquei com as responsabilidades da casa. Trabalhando desde cedo, sou uma mulher de luta, sempre ajudei minha mãe com as despesas, comecei a ir pra rua cedo trabalhar com a música. Hoje sou cantora profissional, sambista e, apesar de ter feito duas graduações, é com a música que ganho a vida.

Sou a única da minha família a ter curso superior, cursei Pedagogia na FFP (Faculdade de Formação de Professores), logo depois ingressei no curso de Letras da UFF (Universidade Federal Fluminense). Em seguida, ingressei na Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no ensino básico (EREREBÁ), no Colégio Pedro II, o que me direciona a escrita desta monografia.

Desta forma, vejo-me engajada na educação antirracista e nas questões que ligam as desigualdades sociais e raciais que afetam o nosso país. Tenho convicção de que é apenas por meio da educação que se dará a transformação e a libertação das amarras de opressão. “Somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores” (FREIRE, 1987, p.24).

As composições de Carolina são, assim como minhas canções, um alerta, servindo como grito de libertação para uma sociedade segregadora, sexista e racista presente no século XXI. As canções tornam visível a posição de lugar de fala, sujeito de voz, que não se deixa subordinar pelos processos colonizadores historicamente construídos, não se entrega ao contexto de imposição, colocando-se como construtora de sua própria vida. “É triste a condição do pobre na terra / É triste a condição do pobre na terra” (O pobre e o Rico. JESUS, Carolina Maria de).

Além de escritora e catadora de papel, Carolina de Jesus ficou conhecida como compositora. O álbum Quarto de despejo traz sambas e marchinhas de carnaval que representam os dramas de viver sob a condição da pobreza, o cotidiano do povo pobre que está em condições de miséria, além da realidade de ser uma mulher negra e pobre dentro desta sociedade. Uma realidade que se perpetua até os dias atuais.

Moradora da favela do Canindé em São Paulo, Carolina atravessou preconceitos a respeito de sua condição de escritora sendo uma mulher negra e pobre. A discriminação recai, ainda, sob o pretexto de sua formação não acadêmica, torna-se escritora, é poeta, é artista, formada pela vida e pelas disciplinas do mundo, enfim, por sua vivência.

Carolina experimenta com sua escrita particular, uma escrita não formal, de acordo com as regras da norma culta da língua portuguesa, mas com uma força que mostra a dor da realidade dos povos oprimidos.

Procuro, portanto, descrever como farei nos capítulos desta monografia, como são construídas essas narrativas através das letras das composições de Carolina de Jesus, as representações de poder e subalternidade construídas por meio das questões de classe, gênero e raça, entre outros aspectos nas letras de Carolina de Jesus.

No primeiro capítulo, Da infância de Carolina – suas dificuldades até a fase adulta – na favela do Canindé, narro um pouco da trajetória de Carolina, por considerar esse percurso marcante. Será a partir dessas vivências que, mais tarde, a autora produzirá seus diários e sua obra poética.

Já no segundo capítulo, A dor de se viver onde se vive - uma escritora negra a margem da sociedade - procuro trazer fatos que atravessaram a autora a respeito das questões de raça e racismo, gênero, devido a cor da pele, dialogando com autores (as) que tratam dessa temática. Ainda no sub item 2.1, O lugar de fala de uma mulher preta, procuro falar desse corpo negro e feminino de Carolina que foi segregado e objetificado, que não foi cuidado, um corpo que não teve valia, nem mesmo pela escrita.

No terceiro trabalharei com as canções selecionadas para este trabalho. A escolha das 4 músicas, dentro de um álbum de 12 faixas, não foi fácil. A voz forte que canta as músicas é da própria compositora do disco, Quarto de Despejo - álbum completo, em 1961. Um dos critérios que busquei usar para a seleção das músicas foram meus afetos, de alguma forma cada uma dessas cinco canções foi representativa em minha vida particular.

As músicas são: 1- Ra, Re, Ri, Ro, Rua: Uma marchinha de carnaval, na qual a mulher mostra-se indignada com a condição de ser casada com um homem vagabundo, colocando-o para fora de casa. 2- O pobre e o Rico: nos versos “Rico faz guerra, pobre não sabe porquê, pobre vai na guerra, tem que morrer”, encontraremos questões de desigualdades sociais. 3-Moamba: Falta-lhe casa, alimentos, roupas, bens acessíveis para uma condição de existência digna. 4 - Vedete da Favela, em que uma mulher pobre que teve a oportunidade de mostrar seu trabalho para o mundo. Um acervo incrível e significativo para a história do samba, sem dúvidas, Carolina de Jesus é destaque também por sua belíssima voz forte e potente interpretação, uma vez que as composições são referentes ao seu cotidiano

1.1 Da infância de Carolina: suas dificuldades até a fase adulta - na favela do Canindé.

“Nós os favelados, somos objeto fora de uso, vivemos com dificuldades para comer, temos que lutar como se estivéssemos numa guerra”
(Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*)

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 e morreu em 1977, aos 62 anos de idade. Passou sua infância em Sacramento, interior de Minas Gerais, onde aprendeu a ler cursando até o segundo ano primário. No tempo em que reside em Minas, trabalha na roça com a mãe e depois se emprega como doméstica. Em 1937, aos 23 anos, mudou-se para São Paulo. Trabalhou como empregada doméstica habitando em cortiços gerais da cidade. A partir de reformas urbanas, mudou-se, em 1948, para a favela do Canindé, às margens do rio Tietê. (Silva, 2006, p. 9)

Deambula pela cidade, produzindo circuitos, trajetos, catando papéis que são convertidos em alimentos de seu corpo e de seu espírito. No mesmo lixo onde cata os papéis para venda encontra os cadernos que se tornam “seus diários”, transformam-se em seu “ideal”, no objetivo de sua vida. Em 1955 inicia a escrita do que designa seu “estranho diário”, onde relata as agruras de seu dia a dia, suas reflexões sobre seu sofrimento, sua fome, sua ira contra os políticos, sua obsessão em transformar sua vida através da escrita, o desejo de escrever um livro e tornar-se escritora. Sua escrita é cotidiana, segue o ritmo dos dias que coincide com a própria construção e elaboração de uma história de seu sofrimento no cenário da favela. Em 1958 encontra, por acaso, na porta de sua casa um jovem jornalista, Audálio Dantas, que faz uma reportagem sobre a expansão das favelas nas margens do Tietê.

Esse encontro revira sua vida e dá visibilidade à sua escrita. A matéria do jornal sobre a favela do Canindé, que Audálio estava preparando, passa a ser sobre os diários de Carolina. Em 1960, Audálio compila seus diários e Carolina publica seu primeiro livro: *Quarto de despejo*. O livro vendeu dez mil exemplares na primeira semana e ganhou sucessivas tiragens feitas pela Editora Livraria Francisco Alves, chegando a cem mil exemplares em seis meses. *Quarto de despejo* é traduzido em 13 línguas e comercializado em mais de 40 países. Carolina ganhou enorme popularidade no Brasil e no exterior no início dos anos 1960. Torna-se a “favelada escritora”, “a voz da favela”. Porém, seu sucesso editorial dura pouco por conta do advento do golpe militar de 1964. Carolina sai da favela e compra uma casa de alvenaria, entretanto faz maus investimentos com o lucro de

venda dos seus livros, gastando exorbitantemente seu dinheiro. Consegue vender sua casa e comprar um sítio em Parelheiros, nos arredores de São Paulo, onde passa a viver como na sua infância, cuidando dos porcos e de uma pequena roça.

Depois de *Quarto de despejo*, lança mais dois livros autobiográficos. Em *Casa de alvenaria* escreve sobre sua nova condição social, um relato sobre sua saída da favela, enquanto *Diário de Bitita* é escrito em forma de recordações de sua infância em Minas Gerais. Escreveu romances, peças de radionovela, poesias, músicas e provérbios, (Silva 2006, p. 12, 2008, p. 77). No fim de sua vida, retornou para sua atividade de catadora de papel e faleceu na cidade de Cipó, esquecida pelas autoridades e figuras públicas.

1.2 Quem foi Carolina Maria de Jesus?

A infância de Carolina foi muito difícil. A região do Patrimônio era uma das mais pobres da localidade mineira em que nasceu. Não havia energia elétrica nem água encanada ou quaisquer serviços públicos, era preciso carregar água até suas casas. “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria”... Assim, conforme a letra da música era vida de Carolina. Naquela época, vivia aos cuidados de sua mãe, Cota, que tinha uma vida difícil. Na condição de lavanderia de roupas conseguia seus miseráveis contos de réis para manter a sobrevivência de si e de sua família. Assim, está presente no livro biográfico FARIAS,(2017,p. 20-21)*Carolina, uma Biografia*: “Cota, mãe de Carolina de Jesus, casou duas vezes. Primeiro com Osório Pereira, onde gerou seu filho Jerônimo Jesus Pereira e depois engravidou de Carolina de Jesus do outro companheiro João Cândido Veloso”

Cota, mãe de Carolina de Jesus, teve o destino de ter homens “malandros”. O primeiro foi Osório Pereira, com quem casou-se para fugir dos trabalhos pesados impostos da tutoria do senhor Miguel Alvim³. Ou seja, a escolha foi feita com base na tentativa de minimizar os sofrimentos impostos por outros homens desde sua infância. Assim, não teve um companheiro que a ajudasse muito na construção e criação de sua família. A mãe de Carolina a criou sozinha e legou o mesmo destino a sua filha.

Bitita, como era chamada Carolina, não tinha uma boa relação com a mãe, Cota. Era uma menina curiosa e por tudo perguntava. Cenas de violência são lembranças de sua infância. Era agredida pela mãe por querer saber das coisas do mundo.

² Conhecida canção interpretada por uma das mais famosas cantoras de rádio, Marlene.

³ Mesmo após a Abolição cidades como a de Sacramento, passam a adotar o hábito tão perverso como no tempo de cativo, que era o de “criar” jovens meninos (a) negros em regime análogo ao da escravidão. Um desses jovens “criados” foi Osório Pereira, cujo tutor foi Miguel Alvim. (Farias, Tom, 2017, p.19).

Aquilo não podia ser algo normal. Quando a menina encasquetava com uma coisa, aí ferrava tudo, ninguém mais teria sossego na vida. As perguntas se multiplicavam numa sequência alucinante até alguém responder ou espancar ela. E depois que respondia, surgiam novas indagações. A única pessoa que freava era o avô, o velho Benedicto⁴, que ela achava bonito e inteligente. (FARIAS, 2017. p. 38)

Carolina Maria de Jesus teve a oportunidade de entrar numa escola de qualidade, o Colégio Allan Kardec, uma escola mista para meninos e meninas. Foi lá mesmo que, em pouco tempo, a menina começou a ler. Seu primeiro livro, não sei se condicionado por obra do destino, foi *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães. Entretanto, mesmo sendo boa aluna e dedicada, ela teve que sair da escola para ajudar a mãe em um trabalho fora da cidade de Sacramento. Assim, ela deixa de frequentar o Colégio Allan Kardec em 1923. Mais tarde, a Cota conhece José Romualdo, um senhor honesto e trabalhador, casa-se com ele, vão para uma fazenda trabalhar. Moraram bem e viveram em fartura por quatro anos, mas foram despejados pelo dono da fazenda. “[...] eu ainda criança dormi na rua com meus pais, sem ter onde dormir [...]” (FARIAS, 2017, p.61).

Retornam para Sacramento, sem dinheiro, com dívidas, “uma mão na frente a outra atrás”, como diz o ditado. Mas Bitita, desta vez, teve pelo menos um padrasto, José Romualdo, que se esforçou bastante para o sustento da família. A partir desse momento, Carolina de Jesus deixa Sacramento e segue para Ribeirão Preto à procura de tratamento para suas pernas. Também é esclarecido na biografia de Tom Farias que nessa viagem para o tratamento de suas pernas, ela não foi bem recebida na casa da tal tia, Ana Marcelina, foi tratada de forma desumana. Sem acolhimento e sem destino, andava pelas ruas à procura de uma solução para sua vida, suas pernas, um trabalho para ter uma vida adequada, etc.

Nessa saga do destino, em busca de encontrar um lugar para curar a doença que havia em suas pernas, ela não desiste. “Chega à Santa Casa de Ribeirão Preto e é atendida de forma humana e respeitosa pelas freiras locais, recebe comida banho e roupas limpas” (FARIAS, 2017, p. 85). Continua seguindo na sua luta e encontra uma casa de família – o casal Maria Augusta e Antônio Padilha – para trabalhar, na cidade Sales de Oliveira. Lá, diferente do atendimento da suposta tia, ela encontra uma relação boa com os patrões, mas logo o serviço nesta casa acaba e ela é enviada por acasos do destino à casa de uma mulher feminista, militantes pelos direitos das mulheres, uma escritora, Dona Mietta Santiago.

⁴ Benedicto, avô de Carolina de Jesus, também agredia sua esposa, Siá Maruca (Idem).

A dona Mietta Santiago, ou na verdade, Maria Ernestina Carneiro Manso Pereira (1903-95), mãe dos filhos Saulo Santiago Manso Pereira e Huldo Santiago Manso Pereira, era uma aguerrida ativista feminina, que lutou bravamente pelo sufrágio das mulheres no Brasil. Na época, chegou a se candidatar a deputada federal, mas não foi eleita. Mas por causa dela, as mulheres passaram a ter direito a votar e ser votada, depois que entrou com mandado de segurança para forçar o governo a cumprir a Constituição Federal de 1928. Intelectual e escritora, deixou várias obras literárias publicadas, entre as quais “Namorada de Deus”, de 1936, e “Maria Ausência”, de 1940, entre outras. (FARIAS, 2017, p.87)

Podemos dizer que esse fato foi um momento de acolhida para Carolina e também de construção da sua intelectualidade e resistência, de certa forma ensaio a possibilidade dela ter encontrado uma mulher intelectual e militante onde Carolina conseguiu se espelhar e entrar num nível de equidade intelectual, Dona Mietta era também uma escritora e, não houve antes disso, uma figura feminina onde Carolina pôde alcançar um nível de enlace entre outras mulheres que estavam próximas a ela através da escrita.

1.3 A vida após o encontro com Audálio Dantas

As andanças de Carolina pelas diferentes cidades param até ela se estabelecer na favela do Canindé. Considero, portanto, essa passagem fundamental para entendermos a história de vida da autora. É nesse local que um acontecimento divisor de água acontece: o encontro com Audálio Dantas.

Esse encontro se deu no dia em que o repórter foi cobrir uma notícia a respeito dos balanços-brinquedos colocados na favela pela prefeitura, encontrados em mau uso, uma vez que não estavam sendo usados por crianças, mas por adultos. Na biografia de Tom Farias (2017, p.187), encontramos um registro dessa cena abaixo:

Carolina estava perto da balança dos meninos que os grandes tomaram. E, protestava, aonde já se viu uma coisa dessas, uns homens grandes tomando brinquedo de criança! Carolina, negra, alta, voz forte, protestava. Os Homens continuavam no bem-bom do balanço e ela advertia: Deixa estar que eu vou botar vocês todos no meu livro.

Após o lançamento do diário de Carolina por Audálio Dantas, ela foi contratada pela livraria Francisco Alves e conseguiu viver um dos melhores períodos de sua vida economicamente, tendo os filhos satisfeitos: “Por esses dias temos comida e a senhora não precisa chorar” depoimento do filho João, até Carolina sentiu que os filhos estavam mais

serenos agora, do que antes. João deixou de ser ‘João Bruto’ para ser ‘João Gentil’ (FARIAS, p. 202).

A partir do lançamento do seu livro, ela vira uma celebridade comparada aos mais altos artistas e escritores bem-sucedidos da época, mesmo que pela curiosidade de saber mais a respeito de uma escritora catadora de lixo que se tornara a escritora de um dos livros que serão mais vendidos na década de 60.

A primeira vez que Carolina foi ao ar na televisão, foi pela TV Record. No programa “Record em notícias”, ela faz seu depoimento para o jornalista Heitor Augusto: “É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo da cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos”. Tal programa continha um tom espetaculoso, assim, dentro de uma explosão sensacionalista, Carolina foi sendo convidada para vários programas de televisão, todos queriam saber mais a respeito da escritora favelada, tornando clara a intenção de marcar essa diferença. Assim ela conheceu vários artistas, desde poetas, músicos, escritores em todas as vertentes artísticas. As pessoas estavam interessadas em saber quem era o fenômeno do momento no mundo literário.

O lançamento do livro de Carolina aconteceu no dia 15 de agosto na livraria Francisco Alves. Podemos pensar Carolina como um ser nesse planeta que passou feito um meteoro por esse mundo, numa missão única. Uma mulher que tinha tão pouco em suas mãos, e que foi tão longe por suas palavras. “[...] quando a fome vinha a vontade de escrever crescia” (CASA DE ALVENARIA, 1961, p. 27)

Por mais que tenha sido tecida pela mídia como escritora favelada, e o adjetivo, “favelada”, muitas vezes pode ter contribuído mais para a fama do que ser somente escritora. De todo modo, ela aproveitou a oportunidade e mergulhou nessa possibilidade, sua chance de mostrar ao mundo sua voz.

Obviamente, toda essa explosão de uma “suposta escritora favelada” causou uma grande margem para que os escritores famosos a invejassem, afinal, todos estavam de frente para o “verdadeiro documento humano” (FARIAS, p. 221). Em uma semana de lançamento, Carolina de Jesus conseguiu vender 10 mil exemplares de sua obra, esgotando a primeira edição, primeiro lugar no ranking de vendas, pelo jornal *A Folha de São Paulo*.

A “ex-favelada”, agora rica, tinha a maior tiragem de todos os tempos. Seu livro vendia “feito água”. O que trouxe despeito no meio literário da época. Muitas calúnias e outras formas de despeito foram proferidas acerca de sua obra. Ela também sofreu mistificação literária, vários alegaram que sua obra “Quarto de despejo” era apenas formada por depoimentos, e que por isso, não era uma obra literária. Logo que pode,

Carolina veio a dizer em depoimento que iria publicar dois romances e outras obras que estavam guardadas. Acontece que Carolina tinha muitos escritos, guardados, era uma necessidade vital escrever para Carolina, portanto ela escrevia diariamente. Mas para além de injúrias, Carolina também recebeu muito apoio de outros escritores e críticos. O romancista Paulo Dantas, por exemplo, denominou sua obra como: *“ouro sobre chumbo”* e *“mensagem humana poética e violenta que é.”* Outros críticos também deram seu aval. Vale destacar que Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, fez nota sobre a obra da autora: “[...]uma esperança real, nascida tão somente das certezas das coisas erradas (...) que o desespero de uma favelada ainda não se desate, de tempo a correção das injustiças” (FARIAS, ANO, p. 240, Grifo do autor)

1.4 Sobre o tempo que Carolina morou na casa de Santana, dos altos gastos e das reclamações com os seus filhos

Carolina decide sair da favela, mesmo ainda nos trâmites de comprar sua casa própria, ela vai morar na casa de Santana, um período não muito agradável para os filhos que foram por muitas vezes chacoteados pelos vizinhos, ofendidos como mendigos, catadores de lixo, favelados entre outras coisas. De tal maneira que Carolina de Jesus sentia-se angustiada e não mais tão feliz como antes, mesmo tendo conseguido tudo que conseguiu depois de tanta miséria sofrida, já não tinha mais sossego, muitos eram os que vinham a pedir, chegou a escrever uma carta dizendo que estava novamente na miséria, a fim de parar de procurá-la. Portanto, seu sucesso também foi alvo de muita inveja e ganância de terceiros que se fizeram amigos. Audálio Dantas sempre a alertava sobre a ganância do dinheiro, a fim de preservá-la. Mas, segundo a biografia sobre Carolina de Tom Farias, a mesma não escutava os conselhos de Audálio sempre foi, literalmente, uma gastona, fazia desperdício de dinheiro com coisas supérfluas e falsos amigos.

Todos dias tenho algo a queixar-me – dizia Carolina. O que admira no repórter é a paciência que ele tem com os meus nervos excitados. Mas ele compreende. Eu sou sozinha para trabalhar, cuidar da casa, dos filhos, estudar, escrever. Agora que estou mesclada com o povo fico observando os trapaceiros fantasiados de honestos. São cínicos. Tem duas faces. Tipos que querem ser granfinos sem ter condições de vida definida. Sonham com o impossível, aludindo a cada instante: Se eu tivesse dinheiro... Penso que eles dever dizer assim: - Se eu tivesse coragem para trabalhar! (JESUS, 2014, p. 153)

O livro *Casa de Alvenaria*, ao contrário das expectativas criadas por Carolina, não teve tão boa repercussão quanto a obra *Quarto de Despejo*, sendo um livro mais duro com a sociedade estratificada pelo consumo que a recebeu. O livro é construído em tom sarcástico, trazendo à tona questões da vida da sociedade de elite da época, pois, uma vez que ela ascende economicamente, passa a criticar a elite da sociedade brasileira.

[...] estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. O que sei dizer é que minha vida está muito desorganizada. Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões da casa de alvenaria variam. Tem dia que penso ser a Gata Borralheira. (Casa de Alvenaria, 1961, p.25)

Em 1962 a vida econômica de Carolina de Jesus parecia estar completamente arruinada, havia perdido toda a fortuna conquistada e estava endividada. Conseguiu, ainda, um contrato com a empresa cinematográfica Maristela, por intermédio de Audálio para exhibir, *Quarto de Despejo* em filme. Com o dinheiro, comprou um pedaço de terra na estrada de Parelheiros, mas em condições muito precárias, sem luz, janelas ou quaisquer condições melhores que tivera anteriormente.

Em 1963, Audálio desiste da parceria do contrato com a livraria Francisco Alves a respeito da arrecadação de direitos autorais das editoras estrangeiras. Logo em seguida, a editora Francisco Alves também deixa a parceria com a escritora Carolina de Jesus.

Após esses acontecimentos, ela decide afastar-se da cidade e vai residir nesse sítio que conseguira na estrada de Parelheiros com seus filhos, lá cultiva algumas plantações que vão gerar sua própria subsistência. Carolina está em um momento de pleno esquecimento, não há quase chamadas para entrevistas ou mesmo quem tenha interesse em saber como está sua vida nesse momento. Em doses de amargura e na condição de miséria revivida, Carolina escreve este poema:

Eu nasci para sofrer
Se eu morrer não levo saudades
Na terra, o negro não pode ter
Personalidade

Eu nasci aqui no Brasil
Mas sofri. Fui tão infeliz.
Lutei e não consegui
Realizar o que eu quis.

Pedi: Me dê felicidade
Quero o campo e não a cidade
Mas foi tudo em vão

Por isso me arrependi
Porque fui tola e saí
Do meu barracão.

Poucas foram as alegrias que Carolina teve no final de sua vida. Em 1976, a imprensa anunciou o lançamento de Quarto de Despejo em formato de bolso. Ela recebe um convite para fazer um filme para a Alemanha sobre o mesmo livro. São os últimos movimentos de Carolina em relação à vida pública como artista. Com o tempo ela se distancia do mundo, da cidade e de si mesma, numa espécie de auto-isolamento que remete às palavras escritas em seu diário: “[...] parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (Quarto de Despejo, 2014, p. 72).

2. A DOR DE SE VIVER ONDE SE VIVE, UMA ESCRITORA NEGRA À MARGEM DA SOCIEDADE

“A noite todos os barracões são negros. E negra é a existência dos favelados” (Carolina Maria de Jesus em Quarto de Despejo)

Carolina Maria de Jesus, assim como tantas outras, faz parte desta sociedade patriarcal eugênica onde não somente a questão do gênero, mas também a cor da pele, definem quem é opressor e oprimido. Subjugar uma pessoa em razão de sua cor aconteceu e ainda acontece no Brasil, basta lembrarmos como ocorreu o processo escravagista deste país e como a enorme dívida que o Brasil tem para com o povo negro deixa máculas que até hoje não foram apagadas. Como afirma uma das compositoras, Manú da Cuíca, vencedora do samba da Mangueira de 2019: “Brasil, chegou a vez / De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês...”

Por isso é preciso afirmar que somos fruto de um processo de opressão masculina e capitalista e ainda há uma marca da ausência histórico-social e cultural sobre as mulheres negras deste país, somos figuras invisibilizadas historicamente em todos os setores. Podemos dizer que a produção das escritoras não teve o mesmo reconhecimento que a dos homens escritores. Isso reflete-se em visões de mundo sobre o que é ser mulher nesta sociedade, (sobretudo, ser mulher negra, como Carolina Maria de Jesus), o que desencadeia uma grande falta de representatividade dessas mulheres em todos os segmentos sociais e, principalmente, na literatura. Portanto, torna-se inseparável as discussões de raça e gênero, como revela a autora negra, Grada Kilomba (2019)

Esse encontro revela como raça e gênero são inseparáveis. Raça não pode ser separada do gênero e nem o gênero da raça. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e gênero tem um impacto na construção de raça e na experiência do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 94)

Dentro dessa perspectiva, ressalta-se a importância do reconhecimento desta protagonista, Carolina Maria de Jesus, uma intelectual negra brasileira que não está no cânone mesmo sendo a obra *Quarto de Despejo*, um dos livros mais traduzidos por todo o mundo. Carolina, por meio da literatura, fez-se a senhora de seu discurso, mesmo estando segregada da sociedade. Ela questiona e expõe as mazelas que vivencia em seu espaço da favela de Canindé. Sendo catadora de papel, faz disso sua sobrevivência, ela encontrou na escrita a única forma de sobreviver neste mundo tão desigual.

Nesse sentido, lembramos a escritora Conceição Evaristo, que ressalta, acima de tudo, a escrita das autoras negras como um espaço de autoafirmação, no qual os sujeitos-mulheres-negras se auto enunciam, se auto representam. Segundo a autora:

Talvez, essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o fato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E em se tratando de um ato apreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar de Carolina Maria de Jesus, como também da escolha da matéria narrada (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

Dentro do processo histórico de luta e resistência, há cada vez mais linhas de frente literárias promovidas por escritoras negras que procuram escrever em sua poética as imagens de autorrepresentação dos sujeitos da escrita. Uma delas é a autora Conceição Evaristo. Arrisco dizer que é uma das intelectuais negras fundamentais para pensar a poética literária de Carolina de Jesus, pois a mesma produz, tal como Carolina, uma literatura a partir da existência e visão daqueles que estão em condições desfavoráveis. Portanto, a narrativa de Conceição Evaristo é habitada por excluídos sociais; e talvez seja possível, dessa forma ver tanta simetria entre as escritoras. (Carolina e Conceição). Os sujeitos da escrita são os favelados, pessoas de rua, mendigos, desempregados, prostitutas, em uma ambiência que ajuda a compor um quadro de uma determinada parcela que a sociedade tentar invisibilizar. Vejamos uma fala de Evaristo (2007, p. 17)

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, umamaneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no

espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar

Nesta ótica, a escritora Conceição Evaristo cunha seu conceito de escrevivência reportando aos três elementos formadores de sua estética: o corpo, a condição e a experiência, sendo pilares importantes para entender a obra de Carolina de Jesus também. O primeiro situa-se onde são arquivadas as cicatrizes da luta de ser um sujeito negro, as impressões que a vida confere. O segundo está dentro do processo enunciativo que a autora condiciona seus personagens, elucidando para uma espécie de “memória coletiva”, processo de identificação dos personagens. O terceiro aspecto, por sua vez, é a experiência cujo funcionamento dá-se enquanto recurso estético na construção da sua escrita, dando persuasão à narrativa, construindo aproximações na leitura.

Esse conceito de escrevivência será eixo fundador para compreender a poética de Carolina, uma mulher que escreve através de sua dor. E a biografia de Tom Farias, confirma essa análise: uma escritora favelada, a catadora de papel, “uma escritora camuflada, escondida no meio daquela ‘lama’ toda, naquele barracão infectado” (FARIAS, 2017, p.189)

Entremeios a insultos, tapas e bofetões, houve uma Carolina que se recolheu em seu próprio interior colocando suas mágoas no papel, gritando para o mundo “a triste condição do pobre na terra”. Em depoimento pelo jornal “O Cruzeiro”, n.º 36, 20 de junho de 1959, p. 93, Audálio Dantas afirma:

Mas Carolina não é apenas uma mulher que grita contra o mundo. Tem seus momentos de fuga, quando deixa o registro puro e simples das misérias da favela e se encontra com o seu “mundo interior”. Olha através da janela do barraco e não vê a lama do terreiro. Nem ouve o choro do filho do vizinho, enche os olhos de sol e o coração de alegria. (FARIAS, 2017, p.195)

É importante essa percepção de que essa mulher que grita vive também a experiência da reflexão e da introspecção. Essas cenas encontram-se por meio dos relatos de Audálio Dantas, reproduzidos na biografia de Tom Farias, de onde tiro as principais referências em relação à vida de Carolina para este trabalho. Uma das cenas importante é a que narra o primeiro contato do jornalista com os cadernos de Carolina:

Eu vi os cadernos do guarda-comida escuro de fumaça. Narrativa diária da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada... Eu vi, eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfícurador podia arranjar tanta beleza triste daquela

miséria toda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no seco de escrever. Foi por isso que eu disse para Carolina, lá mesmo, na horinha que lia trechos de seu diário: Eu prometo que tudo isso que você escreveu sairá em livro (FARIAS, 2017, p.188).

A frase “ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras” é emblemática. Logicamente, trata-se de um espelho de sua vida, e que para muitos brasileiros serviu como reflexo de uma triste realidade. As palavras de Audálio Dantas exprimem a sublimação da escrita dos diários de Carolina e o grau de afetação ao leitor. Uma escrita que reflete a vida desta escritora que fora carregada de miséria, solidão, injustiças e exclusão, as marcas da opressão são feitas tatuagem que não saem de seu corpo. Carolina carregou consigo um sentimento de exclusão de tantas outras mulheres negras, cujas vozes são silenciadas, carentes de liberdade de expressão e de seus direitos, fruto de um poder instaurado pelo patriarcado de nosso país. Nesse sentido, vale a pena seguirmos na reflexão da autora, bell hooks:

[...] a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e, como tal, representa uma ameaça. Para aqueles que exercem o poder opressivo, aquilo que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado, silenciado. (HOOKS, 2019, p.36)

A autora acima faz uma reflexão com relação ao poder de silenciamento que devemos romper, erguendo a voz a fim de sair da condição de dominação. Carolina não se deixa silenciar em momento algum, na sua escrita é que encontramos a resistência exprimindo a dor e as injúrias passadas, que nem mesmo uma linguagem literária imposta em norma culta conseguiu atear forças para transpassar o teor dessa expressão. Suas memórias e sentimentos transformaram-se em forças inspiradoras para compor e escrever.

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu cantava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quis fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde preto é feliz

Antologia Pessoal. (Org. José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Os versos de Carolina, no poema citado, expõem a angústia de ser uma artista nesse contexto de opressão. Ela mostra como as pessoas a veem, ora como alguém que as coloca em risco – “fugiam ao me ver” –, ora como motivo de curiosidade – “outras pediam para ler”. Essa cena criada poeticamente remete à cena que Audálio Dantas vê: Carolina na janela alheia ao mundo, refletindo sobre sua vida interior. O resultado é o sonho de viver em um país preto.

São os deslocamentos e travessias que vão compor sua escrita. Esta vai além do eu-lírico para abarcar experiências que refletem a experiência coletiva de outras mulheres e realidades negras. Dentro desta perspectiva, a autora faz de sua poesia e prosa um instrumento de luta, resistência e libertação. É por meio de sua poesia que ela transfigura a dor de viver onde se vive, literalmente, à margem, ela impunha por meio de sua escrita uma forma de escapar da loucura desta sociedade injusta.

As histórias tão negras daquele diário, que em seguida foi editado com o título *Quarto de Despejo*, representam uma realidade que ela viveu e na qual ainda vive a maioria do povo brasileiro entre ruas, favelas, despejos, sem direitos, um povo que é massacrado e invisibilizado.

2.1 O lugar de fala de uma mulher preta

O foco deste trabalho não é falar da história do racismo e formas discriminatórias que esse país viveu e ainda vive. Entretanto, Carolina percorreu, como mulher e negra e favelada, esses processos na vida. Para além das violências simbólicas e ideológicas deixadas feitas em seu inconsciente, ela sofreu todos os tipos de exclusão, segregação, por ser um corpo negro e feminino, portanto, objetificado, que não foi cuidado, um corpo que não teve valia, nem mesmo pela escrita.

Sendo mulher e sendo negra, Carolina é alvo das intersecções do preconceito na sua pele: ela duplamente é subalternizada. Esse conceito de interseccionalidade é pensado pela pesquisadora, Kimberlé Crenshaw, e depois atualizada por Carla Akotirene aqui no Brasil,

no livro *O que é interseccionalidade?* Tal conceito nos faz refletir acerca da condição de atravessamentos e processos de subordinação que o corpo negro feminino atravessou em razão de sua cor e gênero. Segundo Akotirene (2018, p. 33)

A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cishetero-patriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões. A interseccionalidade dispensa individualmente quaisquer reivindicações identitárias ausentes da coletivamente construída.

Há ainda outras intelectuais que pensam sobre a questão, dentro das noções de que raça e classe são duas vertentes de subalternização da mulher negra, dentre elas cabe citar Ângela Davis, Patricia Hill Collins, no Brasil, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro.

Basta pensarmos na cor do corpo de Carolina, a cor da exclusão, nem mesmo o trabalho de suas mãos foi devidamente reconhecido, fosse empregada doméstica ou escritora. Trata-se da opressão do povo negro derivado do processo de escravização, apesar de ter “acabado” legalmente. Seria possível pensar em um destino diferente para Carolina se a cor de sua pele fosse branca, obviamente um corpo branco nesse país tem seus privilégios enquanto um corpo preto, ainda é o que mora na senzala, nos cortiços da cidade, rastros, marcas de racismo. Para tanto, segue uma canção a fim de trazer construção a fala pela voz de Elza Soares :

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história
Segurando esse país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E esse país

Vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado

Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar

A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra
A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Seu Jorge, Ulisses e Marcelo Yuka, 2017)

A “carne” mais barata do mercado ainda tem sido a carne negra. Lutamos para que essa conjugação torne-se passado. Resultado de um processo complexo, que o Brasil vive de forma bem peculiar, o racismo a, o racismo à moda brasileira, que vários estudiosos procuram desvendar, denunciar e romper com esse sistema na medida da conscientização do povo brasileiro. Podemos pensar que a desigualdade racial é uma característica da sociedade que advém do pensamento racista que transcende ao âmbito da ação individual, pois atua enquanto processo estrutural dentro da sociedade por meio das Instituições do Estado, os aparelhos ideológicos⁵, que legitimam as desigualdades, naturalizando determinados comportamentos.

Acerca deste assunto, é importante trazer à luz o conceito de “racismo estrutural” que Silvio Almeida, na obra *O que é racismo estrutural?* (2019) aponta para a questão racial no Brasil. Ele afirma que o racismo brasileiro se constrói enquanto um processo sistêmico de discriminação, que influencia na organização da sociedade com caráter político-social e econômico, ou seja, o racismo estrutural atua interligado às Instituições de poder, de acordo com os interesses para impor sua ideologia de racismo.

O racismo é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. O racismo articula-se com a *segregação racial*, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas – bairros, guetos, bantustões, periferias, etc. (ALMEIDA, 2019, p. 34)

A consequência deste processo atua dentro do imaginário coletivo do povo negro e nas produções de subjetividade desse corpo, engendram para si a sua não capacidade intelectual, incorporado um discurso de inferioridade ou de só aptidão para profissões inferiores ou de menores salários. Por esse sistema complexo e perverso é criado um discurso de inferioridade para a população negra. Dessa maneira, o racismo opera por ideologia e cria representação no imaginário coletivo do povo negro, segundo, (ALMEIDA, 2019)

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras tem uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticulosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que os negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA, 2019, p. 40)

Ora, as instituições são racistas, porque a sociedade brasileira é racista. Uma sociedade que não vê a desigualdade racial como um problema, é uma sociedade que vai condicionar isso como um comportamento normal. Carolina de Jesus, em sua época, na condição de marginalizada, já entende que a sociedade é uma máquina reprodutora da desigualdade social, ela está segregada, mas não está alienada.

Esse conceito de alienação é retirado do autor Frantz Fanon, apontando para uma condição desalienação dos negros nesse processo de dominação do branco e, encontrar a possibilidade de uma tomada de consciência negra. Um momento de afirmação de uma negritude. Para FANON, (2008, p.86) “todas as formas de dominação parecem” [...] a consciência tem a necessidade de se perder na noite do absoluto, única condição para chegar a consciência de si” (FANON. 2008, p.107)

FANON (2008) está abordando questões para uma luta antirracista, que serve de embasamento para o sistema que opera no Brasil. Trata-se do *Racismo estrutural* que se configura em diversas instituições mantendo as relações de poder entre dominantes e dominados. O Racismo estrutural também se configura por meio da educação. Uma das instituições que molda o imaginário e constitui subjetividades, práticas que naturalizam a inferioridade do ser negro é a escola. Desta forma, conforme o crítico brasileiro do conceito expõe acima, Silvio Almeida, o povo negro experimenta um sentimento de que já nasceu para ser inferior, de que deve estar em determinado lugar de subalternidade

construído por meio da educação formal a partir dos currículos colonizados oferecidos a todos os estudantes, sejam negros ou brancos.

A ideologia é a representação da realidade material, cabe pensarmos na estrutura de formação nacional que se pensou para este país desde a época pós-escravagista. De que forma, grandes intelectuais brasileiros pensaram a educação para a população ex-escrava? Não houve um processo de educação adequado, mas um forte processo de higienização do país e políticas eugenistas. Os negros não desapareceram mesmo com as teorias de branqueamento da raça e abertura dos portos para imigrantes. Ficamos aqui entre morros e favelas do Canindé. E sobrevivemos.

Podem me prender
Podem me bater
Podem, até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro
Eu não saio, não

Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um osso
E ponho na sopa
E deixa andar
Fale de mim quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu
(Opinião, 1964, Zé Keti)

No entanto, essa sobrevivência está condicionada à continuidade da luta e da resistência das gerações descendentes de africanos escravizados. O poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, explora essa temática:

A voz da minha bisavó ecoou criança
Nos porões do navio
Ecoou lamentos
De uma infância perdida
A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas
Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela
A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue

e
 fome.
 A voz de minha filha
 Recorre todas as nossas vozes
 Recolhe em si
 As vozes mudas caladas
 Engasgadas nas gargantas
 [...]
 O Ontem – o hoje – o agora.
 Na voz da minha filha
 Se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade
 (EVARISTO, 2011, p.18)

Esse poema de Conceição Evaristo nos leva a pensar na ancestralidade e em nossos antepassados, nos convida a refletir sobre o processo de escravização que vivemos milhares de corpos negros, escravizados, nossos avós, os familiares que não dos quais não sabemos tampouco a língua ou identidade. Assim como no poema forte de Evaristo, há laços inseparáveis entre sua postura, vida e a escrita de Carolina. Ela foi uma que, como milhões de mulheres negras, era considerada pouco capaz, porque há todo um sistema econômico e político que perpetua esta condição de subalternidade, mantendo-as ainda fora dos espaços de poder de decisão. Ora, sabemos que com muita resistência, hoje, há mais mulheres negras nos campos da economia e política e, ainda assim, o embate é diário com os homens brancos que fingem não reconhecer a sua legitimidade. É assim que a ideologia do racismo, neste caso com as mulheres negras, opera, banalizando comportamentos discriminatórios.

Segundo diversos autores, destacando Neusa Santos Souza (1983), o mais comum numa sociedade racista é que o negro e a negra internalize a ideia de que há uma sociedade dividida entre negros e brancos, onde os brancos mandam e os negros obedecem, criando uma relação de conformidade. Além disso, a educação contribui para que não haja reflexão crítica sobre si e sobre seu lugar dentro da sociedade.

Nesse sentido, podemos tentar pensar o que levou determinadas mulheres a ambientes não letrados, como Carolina na favela do Canindé, a romper com a passividade da não escrita da não leitura e buscar o movimento a escrita. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 2011, p. 201) Talvez, uma necessidade interna muito forte de externar toda lástima sofrida por essas mulheres, a dor do mundo de Carolina Maria de Jesus.

Uma agrura que hoje ressignifica as identidades e enunciações negras por meio de memórias que nos permitem repensar os lugares de representações que os sujeitos negros

são e estão concebidos nessa sociedade. Portanto, Carolina é uma mulher preta importante para outras mulheres pretas, nas mais diversas vertentes, sejam elas literárias ou artísticas. Carolina se negou a perpetuar visões estereotipadas pelo discurso patriarcal hegemônico, suas histórias e experiências vividas são suas *escrevivências*.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco. Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2008)

3. ANALISANDO OS SAMBAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Hoje eu estou alegre. Estou rindo sem motivo. Quando eu canto, eu componho uns versos. Eu canto até aborrecer-me de canção. (Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*)

Nas composições de Carolina de Jesus, escutaremos melodias tristes, mas também há melodias bem humoradas que vão estampar um “retrato” do cotidiano dos favelados, casos particulares da favela e também condições de marginalidade, segregação; a condição da fome, a luta pela sobrevivência, etc. Há, nas representações das letras do samba de Carolina, a força expressiva da voz do outro, marcada nas composições através da sua experiência de moradora de favela, que constrói uma espécie de grito contra um tipo de mundo que a marginaliza e a constitui como um corpo estranho e silenciado.

Vale, antes de começar a análise, dizer que em todas as canções de Carolina de Jesus teremos um aspecto da entonação, onde apresenta-se uma gramática ritmo-melódica, entre consoantes e vogais, transformando-se em ataques rítmicos ao serem estendidas, dando a verdadeira intenção a ser marcada na melodia na voz da cantora.

Encontraremos melodias mais tensas e menos tensas, onde será possível perceber o efeito físico que o ouvinte, antes de compreender a gramática da música, sente. Além da tonalidade que garante uma tensão, também temos a inflexão de voz por Carolina entoada. Segundo o especialista em música Luiz Tatit (1998): “Toda inflexão de voz para a região aguda acrescida de um prolongamento das durações desperta tensão pelo próprio esforço fisiológico da emissão. Essa tensão física corresponde, quase sempre, a uma tensão emotiva” (TATIT, p. 101, 1998).

Encontraremos também nas composições aspectos melódicos bastante peculiares. Há uma onda de marcha de carnaval e marcha rancho, fruto de uma vida ouvindo as vozes da rádio de sua época, refletindo diretamente suas percepções de ouvido e modo de compor harmonicamente. Perceberemos, então, que os sambas produzidos por Carolina estão fluando dentro dessas linhas melódicas fazendo um reflexo ao momento histórico por ela vivido. Sim, era uma época de rádio e Carolina ouvia canções em seu barraco na favela do Canindé, isso com certeza lhe trouxe letramentos musicais para além do literário.

3.1 O samba: Ra, Re, Ri, Ro, Rua:

Ra, ré, ri, ró, rua
 Você vai embora que esta casa não é tua
 Você chega de madrugada
 Fazendo arruaça e xaveco
 Além de não comprar nada
 Ainda quebra o meus cacareco
 Rá rá rá rá

Ra, ré, ri, ró, rua
 Você vai embora que esta casa não é tua
 Arrependi de me casar
 Que a nossa vida assim não vai
 Qualquer dia eu vou te abandonar
 E vou voltar para casa de papai
 Rá rá rá rá

Ra, ré, ri, ró, rua
 Você vai embora que esta casa não é tua

Andas dizendo que eu sou ingrata
 Casaste mas já arrependeu
 Mas é você quem me maltrata
 E a infeliz nessa casa sou eu
 Rá rá rá rá

Ra, ré, ri, ró, rua
 Você vai embora que essa casa não é tua

Em primeiro lugar, antes de iniciar a análise das composições, vale ressaltar que as letras tratam de questões que perpassam a sua própria vivência e também das mulheres negras da favela. Reflexo direto de sua vida, sua condição de mulher negra em condição de subalternidade. A começar pelo fato de ser uma mulher/mãe solteira, dentro das conjunturas da época, os enfrentamentos e embates que viveu. Sua composição aponta para

a construção de uma mulher destemida, uma mulher que não tolera e expulsa literalmente o homem do lar, configurando um ato não muito comum na década de 60. Trata-se claramente de uma canção de protesto. Vale lembrar que estamos falando de uma época onde as mulheres eram submissas ao poder da palavra do homem como a palavra final, fruto de uma sociedade patriarcal machista.

A música também faz alusão ao cotidiano de outras mulheres que fizeram parte da vida de Carolina, na favela do Canindé: as vizinhas que, como narra em *Quarto de despejo*, sofriam violência doméstica dentro de casa e não tinham como denunciar. Fato é que o desejo de Carolina seria que outras mulheres pudessem externar a vontade de colocar para fora o homem que as agride fisicamente dentro de sua própria casa.

Dos homens que chegam de madrugada e fazem arruaça na favela no Canindé, podemos citar o *Alexandre*, um personagem que Carolina retrata no livro porque causa bastantes problemas para a vizinhança pela bebida e pela violência aplicada sobre sua companheira. Carolina metia-se na confusão, chamando a rádio patrulha, na intenção de evitar algo mais constrangedor: "Era 1 hora quando eu ia recomeçar a escrever. O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. Ele não obedeceu e ameaçou o soldado com uma peixeira. O Edson Fernandes deu-lhe uns tapas. O Alexandre voou que nem balão impelido pelo vento" (JESUS,2014, p.96).

Atentando para o trecho da composição abaixo, certamente Carolina faz alusão a tantas mulheres que certamente se arrependeram de se casar com seus companheiros:

Arrependi de me casar
 Que a nossa vida assim não vai
 Qualquer dia eu vou te abandonar
 E vou voltar para casa de papai
 Arrependi de me casar
 Que a nossa vida assim não vai
 Qualquer dia eu vou te abandonar
 E vou voltar para casa de papai

Carolina, uma mulher à frente de seu tempo, deixa em desabafo seu arrependimento de ter "iludido-se com homens". De fato, em sua vida, nunca houve um matrimônio oficial, mas suas ilusões renderam seus três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Segue uma citação do livro: "Tem hora que eu me revolto comigo por ter iludido com homens e arranjado esses filhos" (p.87). Em tom de ironia bastante peculiar, traço marcante da identidade da autora, ela aponta na letra da canção "Qualquer dia eu vou te abandonar/ E

vou voltar para casa de papai/ Rá rá rá rá”. Sabemos que nas travessias que Carolina enfrentou foram praticamente quase todas em mão única, ou seja, ela estava sozinha, não houve uma figura paterna que pudesse dar algum tipo de conforto, tampouco educação. Portanto, obviamente trata-se de uma composição bem irônica a respeito da condição de vida de certas mulheres que se impuseram na condição de subalternidade, porém lançando a premissa de largar tudo a qualquer hora para libertar-se das amarras da opressão impostas pela violência da supremacia patriarcal.

Andas dizendo que eu sou ingrata
 Casaste mas já arrependeu
 Mas é você quem me maltrata
 E a infeliz nessa casa sou eu

Essas mulheres são objetos representativos desse poder branco, uma letra que se inscreve quase que no corpo da mulher negra por atos de violência, numa condição de subalternidade e inferiorização. Uma letra que grita para deslocar esse poder, quando rasga em versos *“Você vai embora que esta casa não é sua.”* Assim como Carolina de Jesus, outras mulheres dedicaram suas vidas para lutar contra o processo de “invisibilidade” e subalternidade do corpo negro, na década de 80. Militantes e intelectuais negras, como Lélia Gonzalez, dedicam-se a denunciar a situação de opressão da nossa sociedade.

3.2 O samba: O pobre e o Rico

Ohhh, ohhh, ohhh

(É triste a condição do pobre na terra)
 É triste a condição do pobre na terra

Rico quer guerra
 Pobre vai na guerra
 Rico quer paz
 Pobre vive em paz

Rico vai na frente
 Pobre vai atrás
 Rico vai na frente
 Pobre vai atrás

Rico faz guerra, pobre não sabe por que (2x)
 Pobre vai na guerra tem que morrer (2x)

Pobre só pensa no arroz e no feijão
 Pobre só pensa no arroz e no feijão

Pobre não envolve nos negócio da nação
 Pobre não tem nada com a desorganização
 Pobre e rico vence a batalha
 na sua pátria rico ganha medalha
 o seu nome percorre o espaço
 Pobre não ganha nem uma divisa no braço
 Pobre não ganha nem uma divisa no braço

Pobre e rico são feridos
 porque a guerra é uma coisa brutal
 Só que o pobre nunca é promovido
 Rico chega a Marechal
 Rico chega a Marechal

Ohhhh Ohhh Ohhh

“O pobre e o rico” é uma canção cujo refrão – “É triste a condição do pobre na terra/ É triste a condição do pobre na terra” – repetido em compassos lentos, numa marcha triste, e reproduzido em tom melancólico, chega aos nossos ouvidos numa linha de profunda tristeza e lamentação.

Rico quer guerra
 Pobre vai na guerra
 Rico quer paz
 Pobre vive em paz

Nos primeiros versos há uma construção antiética entre pobre x rico, paz x guerra. Fazendo alusão à questão da violência que sempre é imposta de cima para baixo dentro da esfera de poder e onde os pobres não têm tomada de decisão em questões políticas. A música trata justamente dessa falta de representatividade nas decisões e também da condição de subalternidade em que o pobre está inserido. Configura-se esse pobre como um objeto. Existe a dificuldade de ascensão social e, por isso, ele está destinado à condição de pobre eternamente, sem saber as causas exatas de estar segregado e não ter condições de acesso. Ele apenas aceita essa condição e é tratado como algo desprezível, desumanizado, objetificado, algo que pode estar à prova de bala, dentro de uma guerra. Não há valor para a vida de pobre.

Rico faz guerra, pobre não sabe por que
 Rico faz guerra, pobre não sabe por que
 Pobre vai na guerra tem que morrer
 Pobre vai na guerra tem que morrer

Essa é uma letra pensada para a década de 60, período da composição, mas que pode perfeitamente enquadrar-se dentro da realidade das comunidades do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros, nas quais os corpos são objetificados e considerados algo de uso descartável. A violência opera concisamente direcionada aos corpos negros. Estes, que estão localizados dentro de um espaço geográfico marginalizado, podem ser massacrados, violentados, assassinados e silenciados. O que nos mostram os noticiários são pessoas negras sofrendo violência constante. A favela, infelizmente, ainda é um espaço segregado de direitos e condições, tornando-se um lugar onde os sujeitos estão mais vulneráveis.

Pobre não envolve nos negócio da nação
 Pobre não tem nada com a desorganização
 Pobre e rico vence a batalha
 na sua pátria rico ganha medalha
 o seu nome percorre o espaço
 Pobre não ganha nem uma divisa no braço
 Pobre não ganha nem uma divisa no braço

Esse último trecho, traz à tona as consequências geradas pela extrema desigualdade social e falta de acesso, as dificuldades do povo em ascensão social, colocada no verso “rico vai na frente e pobre vai atrás”. Podem ser sugeridas várias interpretações, mas, sobretudo, no sentido literal da palavra, o pobre nunca consegue estar à frente do rico. Dentro de uma escala social de luta e desigualdade o pobre sempre estará em desvantagem. A autora tensiona isso quando ironicamente afirma que o pobre só está ali para a luta, mas não para o reconhecimento, uma mão de obra barata e escrava, não pode ser reconhecida, tampouco ganhar divisa no braço.

Nesse sentido, temos um retrato da luta de classes e desigualdades claramente discrepantes na letra da canção. As relações de poder que o povo rico obtém sobre o povo pobre criam uma linha binária entre dominador e o dominado, rico e pobre, colonizador e colonizado, opressor e oprimido. Ainda insiste nos versos:

Pobre e rico são feridos
 porque a guerra é uma coisa brutal
 Só que o pobre nunca é promovido
 Rico chega a Marechal
 Rico chega a Marechal

Ohhhh Ohhh Ohhh

Carolina era uma mulher extremamente consciente a respeito desse lugar subalterno em que estava inserida dentro daquela sociedade. Portanto, relutava contra esse sistema a todo custo. Em uma citação do livro *Quarto de despejo*, em tom de desabafo consciente, ela diz: “as favelas não formam caráter. A favela é o quarto de despejo e as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo” (p. 107). Nesse tom de injustiças e preconceito, a cantora cria suas composições entoando um grito de libertação para sua condição extrema de subalternidade e desumanização.

3.3 O samba: Moamba

Seguimos a análise com a letra da canção Moamba:

Eu não tenho casa
nem comida pra comer
O meu deus trabalho tanto
e vivo nesse misere

Olha eu sofro tanto
Dura é a minha provação
Todos comem carne
eu como só arroz e feijão

Não tenho vestido,
nem sapato,
nem chapéu.

Quem não tem que ir pra cima
não adianta olhar pro céu
Eu vivo de tanga,
muito triste e descontente
Se botar uma moamba
minha vida não vai pra frente

Primeiro, vale a pena colocarmos a definição da palavra “muamba”⁶. Vocalizada pela compositora como “Moamba”, mas encontrada no dicionário como, **muamba** | *s. f. do* (do quimbundo) é substantivo feminino. 1 Tipo de cesto para transportar mercadorias. 2. [Angola] e [Culinária]. Significa ensopado feito com dendê (ex.: *muamba de galinha*). 3.

⁶ Disponível em: "**muamba**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/muamba> [acesso em 26-10-2019].

Furto de mercadorias armazenadas em portos ou armazéns. 4. [Brasil] Comércio de produtos roubados. 5. [Brasil] Produto contrabandeado (ex.: *a muamba entra pela fronteira paraguaia*). 6. [Brasil] Atitude ou comportamento de má-fé. = FRAUDE, VELHACARIA 7. [Brasil] [Religião] No candomblé, bruxedo, feitiço.

Ficaremos por enquanto com a primeira definição, sabendo da característica andarilha de Carolina. Era mesmo carregando suas *moambas* que ela garantia a sua subsistência.

Mais uma vez encontramos a temática da fome e falta de moradia, a letra da canção *Moamba*. Uma temática repetitiva por terem sido tormentas que cruzaram toda a vida de Carolina de Jesus. Carolina morava em um barraco com seus três filhos e essa era uma grande lamentação, pois a mesma não gostava de residir ali. Encontramos em seu diário, publicado sob a denominação *Quarto de despejo*, várias manifestações de insatisfação diante da moradia na favela. Vejamos um trecho:

Quando vou a cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da America do sul está enferma. Com suas ulceras. As favelas. (JESUS, 2014, p. 85)

É notória a sua indignação com o espaço onde habitou por anos antes de conseguir a fama, e até de forma inconsciente, nos sonhos, ela almejava outro mundo, outro espaço geográfico e outra forma de viver: “Sonhei. No sonho eu estava alegre.” (2014, p. 126). Somente em sonho ela conseguia alcançar a alegria e felicidade, pois quando estava acordada a vida era cruel. Neste trecho vive-se o dia a dia da miséria:

Olha eu soffro tanto
Dura é a minha provação
Todos comem carne
eu como só arroz e feijão

A realidade dura da vida resultou numa insatisfação tão grande que a levou muitas vezes a pensar na morte como única saída: “Já faz tanto tempo que eu estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também com a fome que eu passo quem que pode viver contente?” (JESUS, 2014, p. 125) [...] é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer " mas é uma vergonha para a nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior

coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (JESUS, 2014, p.63)

A música tem dois andamentos, um lento e depois um acelerado, que é justamente a sua correria do dia a dia, catando papéis e ferros, fazer as sopas com restos de comida que sobraram – o sonhar com uma mesa farta. Só quem sonha com esse tipo de coisa é quem já passou pela privação.

A situação da vestimenta para Carolina sempre foi muito importante. Carolina sempre foi uma mulher muito vaidosa e encontraremos os conflitos que ela tem consigo mesma por não estar andando limpa, por não ter sabão para lavar suas roupas, o que a incomodava bastante, além de não poder comprar os adereços que as mulheres com situação financeira poderiam adquirir. Com um lamento, Carolina exprime isso nos versos:

Não tenho vestido,
nem sapato,
nem chapéu,

A questão dos sapatos para sua filha Vera Eunice aparece com frequência nos diários. Tanto para a mãe como para a filha era uma grande preocupação conseguir o calçado. A reação ao adquiri-lo mostra a importância do item: “mostrei-lhe os sapatos, ela ficou alegre. Ela sorriu e disse-me: que está contente ainda comigo e não vai comprar uma mãe branca. Que não sou mentirosa. Que falei que ia comprar sapatos, e comprei. Que eu tenho palavra!” (JESUS, 2014, p. 67)

Podemos também entender nos últimos versos, *moamba* como “*feitiço*”, segundo a definição do dicionário. Essa referência trazendo à luz uma ancestralidade presente no corpo negro africano em diáspora, mesmo que essa não seja uma temática expressa nos versos. Em outras passagens da obra de Carolina, a autora afirma ser neta de Africanos e as referências a seus costumes, conhecimentos e cultos perpassam a escrita de Carolina.

Segue os últimos versos da canção cujo tom irônico deixa claro a afirmação de que nem fazendo *moamba* consegue melhorar sua situação de vida.

Eu vivo de tanga,
muito triste e descontente

Se botar uma moamba
minha vida não vai pra frente

3.4 O samba: Vedete da favela

A próxima canção chama-se “Vedete da Favela”. Nela é apresentada uma mulher pobre que teve a oportunidade de mostrar seu trabalho para o mundo.

Vedete da Favela

Salve ela

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Conhece a maria rosa?

Ela pense que acalma

Ficou muito vaidosa, saiu seu retrato no jornal

Salve ela

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Maria conta vantagem que comprou muitos vistidu

Preparou sua bagagem

Vai lá pros Estados Unidos

Salve ela

Salve ela

Salve ela

O samba “Vedete da favela” talvez seja uma das mais atrevidas canções de Carolina de Jesus. É a segunda música do álbum e, com certeza, uma música que fala da vontade de pertencer a uma esfera da sociedade que nunca foi possível para ela a não ser no campo do imaginário, até ficar famosa pelo seu livro. Carolina passou por muitas

dificuldades e grande parte delas era em torno da condição dura de passar fome. A mesma foi preterida diversas vezes, tendo seu trabalho literário recusado pelo fato de ser negra. Carolina Maria de Jesus declara em seu diário: “[...] adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho cabelo de negro mais iducado do que cabelo de branco. Se é que existem reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2014, p. 64).

É importante comentar a respeito da entonação das canções de Carolina, e atuação na fala da canção, que desperta o ouvinte para os sentimentos e emoções. Tal característica é uma importante percepção nessa canção popular. Altamente sensível em suas notas, e com um timbre bem forte, a persuasão e interpretação de Carolina contribuem para deixar a música leve, mesmo sendo tensa. Há um toque de sonhadora em Carolina, alguém que pensa entre as nuvens a fim de se tornar uma grande estrela.

Maria conta vantagem que comprou muitos vistidu
Preparou sua bagagem
Vai lá pros Estados Unidos

De fato, ela era uma sonhadora, isso nunca tentou esconder. Ela sonhava em se tornar famosa, ter uma vida melhor e, sobretudo, acreditava na sua carreira artística para além de escritora. Ela sonhava em ser cantora e ir para o exterior, mostrar sua palavra e sua canção para o mundo.

Eu durmi... E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo pra homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso. (JESUS, 2014, P. 120)

Há nessa passagem, metaforicamente, um desejo inconsciente de alcançar as estrelas “conversar com elas”, ser uma estrela, conseguir um estágio avançado de completude e realeza, ser uma artista famosa. A narrativa do sonho pode ser entendida como um modo de fuga da realidade, como no trecho já citado em que ela sonha em estar alegre.

Outro ponto musical a ser analisado é a dicção do cancionista, no caso de Carolina. Como se tivessem abrindo a Marquês de Sapucaí para a vedete atravessar, Carolina utiliza recursos linguísticos, como a presença de vocativos imperativos: “Salve ela, salve ela, salve a vedete da favela!!!!” Há uma impressão mais acentuada de que a melodia é também

uma entoação linguística. Está, nessa canção, a marca de sua travessia no palco da vida, da realza do mundo artístico. Uma sonhadora, uma mulher incrível.

Salve ela

Salve ela

Salve ela

A vedete da favela

Vedete da favela, 2 faixa do álbum, disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo&t=668s>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de vida de Carolina de Jesus é única e muito marcante. Portanto, estudar esse tema, conseguir aprofundar meus estudos no campo da literatura feita por mulheres negras é de extrema importância para desconstrução de um discurso baseado na supremacia patriarcal e machista que ainda invisibiliza o conhecimento negro e feminino.

Neste trabalho foram discutidas questões importantes a respeito da produção poética de Carolina Maria de Jesus por meio da sua construção narrativa através dos seus sambas. Tive a oportunidade de aprender um pouco mais da história de sua vida, por meio de biografias e obras literárias e artísticas – os livros e os sambas – saber mais sobre a vivência dessa escritora e artista, sendo afetada pela dor da vida dessa autora.

Tais afetações foram construídas na medida da leitura de sua obra poética, uma vez que suas composições, escolhidas por mim para este trabalho, levam o espectador para um movimento de transcender a vivência dessa autora através da sua dor e experiência de vida, tomando consigo algum tipo de experiência coletiva muito próxima ao que Carolina viveu, retomando assim o conceito de Conceição Evaristo, adotado neste trabalho denominado, *escrevivência*.

Obviamente, há muitos mais aspectos para se analisar e estudar acerca da obra artística de Carolina de Jesus, muitas lacunas não foram preenchidas diante desta obra tão incrível que é o álbum de sambas que Carolina deixou para o mundo.

Alguns encaminhamentos ainda podem ser feitos a respeito de sua forma narrativa, o modo como ela opera esse discurso dentro do campo da língua portuguesa para muitos criticado, por fugir das normas padrão, mas de uma expressão artística fantástica e extremamente profunda, agindo cada palavra de seu diário coma faca bem amolada cortando partes de seu corpo, quase trazendo um efeito de dor que aproxima – uma sensação de realidade da fome. Nesse sentido, buscar forças além das amarras de uma sociedade que a oprime e a joga num quarto de despejo é algo que deve ser levado em consideração, algo que nos faz pensar a respeito da força que essa mulher preta teve e que nós – mulheres pretas artistas – devemos ter todos os dias. Enfrentando preconceitos e discriminação e resistindo.

Concluo este trabalho pensando nessa Maria que estudei para a monografia, mas penso em tantas outras Marias que estão lutando diariamente para uma vida onde haja menos dor, morte, segregação e mais vida, amor e reconhecimento de uma mulher negra. “Somos Todas Maria” é uma música minha que deixa esse recado para todas essas mulheres!!!

Somos todas Maria

A
Somos todas Maria
E7
Seja onde for
D
Onde Brota Maria
A
Floresce amor!
F#7
É chegado o momento da
Bm
União
E7
Todas juntas, braços,
A
histórias e mãos
A7
O caminho é de luta e de
D
muito chão
E7
Mas ninguém me derruba
A
eu não caio não.
A F#7
Vc pode ser o que bem
Bm
entender
E7
Vc pode amar quem o
A

coração mandar
 A7
 Vc pode ser mãe ou pode
 D
 não ser
 E7
 Vc pode chegar onde quer
 A
 alcançar.
 A A7
 Pedimos proteção a todas as
 D
 iabás!
 E7 C#m
 Que linsã sopra os ventos
 F#7
 e a força dos raios nos faça
 Bm
 entender
 D
 Que nós Somos força,
 E7 A
 resistência e muito poder!

Somos todas Maria (Luana Rodrigues, Jack Rocha e Cláudia Coutinho)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Tradução Christina Baum. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte – MG: Letramento: Justificando, 2018.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **BENJAMIN, W. (Ed.). Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. ed. Tradução de Sérgio P. Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 165-296.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **”Enegrecer o feminismo”**. In: *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ashoka Empreendedores Sociais / Takano Cidadania, 2003.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DUARTE, Constância Lima *et al.* (ORG). **Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2016

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2018.

EVARISTO, Conceição. **“Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”**. Marcos Antônio Alexandre, org. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FARIAS, Tom. **Carolina, uma biografia**. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Editora, EGA, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

hooks, bell. **Erguer a voz pensar como feminista, pensar como negra** /tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**/tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**/bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla.- São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. WATKINS, Glória. **Intelectuais Negras. Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras**, v. 3, n. 2, p. 464-478, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: 10 edição. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Coleção: Memória e sociedade: 1 edição 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo (LP de Sambas)** disponível em youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=ip5sz3WOoAA>

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e costumes**. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro. Coleção Tendências. Edição Graal, 1983.

TATIT, LUIZ. **Musicando a semiótica**. Ensaios. Fapesp. Editora Annablume. 1998.

TATIT, Luiz. **O Século da Canção**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular**. Petrópolis: Vozes, 1973.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular: temas e questões**. São Paulo: Editora 34, 2006.

ORSO, José Paulino. **As possibilidades e os limites da educação**. In: ORSO, José Paulino. *A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade*. São Paulo: Editora Ícone, 2002.

ANEXO A - CRONOLOGIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

1914 - Nascimento de Carolina Maria de Jesus, em Sacramento, Minas Gerais.

1923 - Matrícula de Carolina Maria de Jesus no Colégio Allan Kardec, em Sacramento.

1924/1927 - A família e Carolina vivem como lavradores em fazenda em Lageado, Minas Gerais.

1927 - Carolina Maria de Jesus e família retornam para Sacramento, Minas Gerais.

1930 - Muda-se, com a família, para Franca, São Paulo, onde trabalha como lavradora em uma fazenda e depois, na cidade, como empregada doméstica;

1937 - Morre a mãe de Carolina Maria de Jesus Dona Cota, empregada doméstica.

1948 - Muda para a favela do Canindé.

1948 - Nascimento do primeiro filho, João, depois do relacionamento com um marinheiro português, que a abandona.

1950 - Nascimento do segundo filho, José Carlos, após relacionamento com um espanhol.

1953 - Nascimento do terceiro filho, Vera Eunice, após relacionamento com um dono de fábrica e comerciante.

1955 - Em 15 de julho, inicia os registros, em diário, sobre a vida na favela.

1958 - Primeiro contato do jornalista Audálio Dantas com Carolina Maria de Jesus, devido à reportagem para Folha da Noite sobre o playground instalado na favela do Canindé.

1959 - A revista O Cruzeiro, onde Audálio Dantas passará a trabalhar, publica trechos dos diários.

1960 - Publicação de Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada, em edição de Audálio Dantas, com tiragem inicial de dez mil exemplares. Na noite de autógrafos, foram vendidos 600 exemplares; no primeiro ano, com várias reedições, mais de cem mil exemplares.

1960 - Sai da favela do Canindé e muda-se inicialmente para os fundos da casa de um amigo, em Osasco. Pouco depois, instala-se na casa que comprara, no Alto de Santana.

1960 - Homenageada pela Academia Paulista de Letras e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo.

1961 - Viaja à Argentina (onde é agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo"), ao Uruguai e ao Chile. Viaja também para várias regiões do Brasil. Na Feira do Livro do Rio de Janeiro desentende-se com Jorge Amado.

1961 - Publicação de Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada, com apresentação de Audálio Dantas. Pouca repercussão da obra, que não agradou nem ao público comum, nem aos setores intelectualizados.

1963 - Pedacos da Fome, romance, é publicado, com apresentação de Eduardo de Oliveira, tendo sido recebido com indiferença pela imprensa.

1964 - Jornal publica foto em que se registra a autora nas ruas, catando papéis.

1965 - Provérbios é publicado, com edição da autora, e sem nenhuma repercussão.

1969 - Muda-se, com os filhos, para o sítio em Parelheiros, bairro na periferia de São Paulo.

1972 - Anuncia que escreve "O Brasil para os Brasileiros, o que é ridicularizado pela imprensa. Posteriormente, parte desse material é editada como Diário de Bitita.

1975 - Produção, na Alemanha, de *O Despertar de um Sonho* (sobre a vida de Carolina Maria de Jesus), com direção de Gerson Tavares, cuja exibição é proibida no Brasil.

1976 - Relançamento, no Brasil, de Quarto de Despejo, pela Ediouro.

1977 - 13 de fevereiro - morte de Carolina Maria de Jesus.

1977 - A Scappelli Film Company propõe a realização de um filme a partir de Quarto de Despejo, cuja realização, porém, não se efetiva, apesar de ter havido pagamento parcial de direitos autorais.

1991 - Karen Brown faz roteiro Passion Flower: The Story of Carolina Maria de Jesus para um documentário sobre Carolina Maria de Jesus, Los Angeles.

2004 - Em comemoração ao Ano Nacional da Mulher, por iniciativa do Senado, a Coordenação da Mulher da Cidade de São Paulo lança o Calendário "Mulheres que estão no mapa", com homenagem a Carolina Maria de Jesus exposta no mês de novembro.

2004 - Inauguração da Rua Carolina Maria de Jesus, no bairro de Sapopemba.

2005 - É inaugurada a Biblioteca Carolina Maria de Jesus, com acervo inicial de 2000 livros sobre a formação da identidade nacional com a perspectiva da participação do negro, no Museu Afro Brasil/Parque do Ibirapuera.